

PROENÇA, CORTESÃO, SÉRGIO E O GRUPO SEARA NOVA



Amon Pinho
António Pedro Mesquita
Romana Valente Pinho
(orgs.)

Por esses anos, a densa e tensa maturidade de Jaime Cortesão vai evidenciar-se na direcção da Biblioteca Nacional. Importa aqui destacar, entre o mais, que, chamando já Raul Proença à mais estreita colaboração, Cortesão anima o chamado Grupo da Biblioteca, no qual congrega, em autêntica e fecunda concórdia intelectual, um escol de pensadores, eruditos e escritores de diferentes orientações ideológicas.

Num contexto em que a geração positivista do republicanismo cedia terreno num espaço público cada vez mais assediado pelo tradicionalismo integralista e pelo anarco-sindicalismo, ou por iniciativas matizadamente contra-revolucionárias como a Cruzada Nun'Alvares, e tendo entretanto o projecto da Renascença Portuguesa perdido fulgor, o Grupo da Biblioteca mais se evidencia como centro do poder cultural, com forte potencial de intervenção política. Com efeito, pelo gabinete de Jaime Cortesão passavam três núcleos diferenciados do chamado "Grupo da Biblioteca": o dos "avançados" anarco-sindicalistas, encabeçado pelo técnico tipográfico Alexandre Vieira; outro, mais vasto e politicamente heterogéneo, congregando nomes sonantes da literatura, das artes e da ciência (Afonso Lopes Vieira e Agostinho de Campos, Raul Brandão e Pascoaes, Francisco de Lacerda e Viana da Mota, António Arroio e Raul Lino, José de Figueiredo e Reinaldo dos Santos, José Leite de Vasconcelos e José Maria Rodrigues, Quirino da Jesus e Silva Teles, etc.), de onde derivaria, em 1924, a *Lusitânia - Revista de Estudos Portugueses* e boa parte dos colaboradores de Raul Proença no *Guia de Portugal*; finalmente, o núcleo de colaboradores mais directos de Cortesão e Proença na Biblioteca e de outros "intelectuais políticos" de republicanismo proto-seareiro: Aquilino Ribeiro e David Ferreira, Faria de Vasconcelos e Ferreira de Macedo, Câmara Reys e Azevedo Gomes, etc.

Neste último núcleo, forjará Cortesão a decisão grupal de fundar uma "revista de doutrina e crítica" e organizar uma secção editorial, com base comercial numa empresa de publicidade - todas sob a designação de *Seara* (sugestão de Aquilino) *Nova* (sugestão de Câmara Reys).

A desenganada visão das condições políticas na viragem para os anos 20, leva Jaime Cortesão a desvincular-se do PRP/"Partido Democrático", para passar a

intervir como independente. Daí decorre, com a União Cívica de permeio, a evidenciação no núcleo promotor da *Seara Nova* e a tentativa de absorver nela a Renascença Portuguesa ou, pelo menos, de com ela concertar uma acção ainda cultural mas agora mais política no espaço público. Sem evolução das convicções filosóficas e literárias, nem dos valores cívico-culturais, mas com alteração da escala de prioridades na crise global dos parâmetros oitocentistas no pós-Guerra ("A Renascença, nascida antes da guerra, correspondeu a uma época do mundo e a uma idade nossa que passou"), Jaime Cortesão assumirá papel relevante em toda a primeira fase da revista, como criador literário e como militante ideológico, tão capaz de propor caminhos de liberdade construtiva nas famosas *Cartas à Mocidade*, como de arbitrar com "Soluções políticas" de síntese sucessivos "mal-entendidos" entre os discursos de outros seareiros (por exemplo, entre a prioridade proenciana da frente educativa e a prioridade ezequeliana da frente económica) ou de ser porta-voz do Grupo no lançamento ou no desenlace das sucessivas "experiências convergentes" (como, em 1922, com o episódio do Grupo de Propaganda e Acção Republicana).

(...) Sem a originária e persistente intervenção deste discípulo franciscano de Guyau e poeta lusíada da acção que foi Jaime Cortesão, o legado da *Seara Nova* não transmitiria o mesmo ideal de humanismo universalista sobre fundo de generoso patriotismo.

"Jaime Cortesão - Pensar e Cantar a 'Vida Intensa e Expansiva'", José Carlos Seabra Pereira em Amon Pinho, António Pedro Mesquita, Romana Valente Pinho (orgs.), *Proença, Cortesão, Sérgio e o Grupo Seara Nova*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2015, pp. 433-435.